



## **“APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: CONQUISTAS DE AMPLIAÇÃO DO SISTEMA DE ENSINO E PRIVAÇÃO DA QUALIDADE DE APRENDIZAGEM”**

CLEOMAR AZEVEDO  
Pós-doutoranda do NESCCi da PUC/SP  
Doutora em Psicologia Social /PUC/SP  
Professora Pesquisadora do UNIFIEO/ UNISA  
Professora do curso de Mestrado em Psicopedagogia/  
Professora de Metodologia de Ensino/  
Didática/Psicologia da Educação/Prática de Ensino/  
Psicogênese da Língua Escrita/ Psicodrama/ Psicopedagogia  
Email-cleomar.azevedo@ig.com.br

### **Considerações Iniciais**

Refletir sobre o problema educacional de um país é no mínimo uma ousadia necessária a todos que se interessam pela igualdade e dignidade de seus cidadãos , já que a educação deve ser o instrumento que por excelência transmite às novas gerações o conhecimento acumulado pela cultura humana ,sem o qual a própria sobrevivência da espécie estará comprometida. Pensar sobre o ser humano , é estar diante da complexidade que este representa. Nossa maneira de ser, de agir, de pensar, de sentir é resultado da coordenação de vários sistemas (ou partes) que formam um sistema mais complexo que define a individualidade.

Analisar e promover o desenvolvimento da inteligência é algo inerente à função social atribuída à escola, mas não podemos perder a noção da totalidade, de cada criança que é um ser que sente emoções, que vive imersa em relações com um universo objetivo e subjetivo, e possui capacidade intelectual que lhe permite organizar e interpretar essas relações com o mundo externo. Na realidade concreta do dia-a-dia, cada uns de nós, sujeito psicológicos, somos constituídos de um corpo biológico. Esse organismo sente fome, mas também sente prazer, raiva, amor e ódio. Sentimos

tudo isso a partir das interações com nosso mundo interno e externo, que é objetivo e subjetivo, e nessa relação construímos uma capacidade de organizar e reorganizar experiências vividas. Portanto estamos falando de um ser que é biológico, afetivo, social e cognitivo ao mesmo tempo, sem que um destes aspectos possa ser considerado mais importante do que o outro, já que qualquer perturbação em algum desses subsistemas afeta o funcionamento da totalidade do sistema. Adquirir essa visão de totalidade facilita nossas relações com o mundo e evita determinados tipos de preconceito contra formas diferentes de pensar, sentir e agir das outras pessoas.

Em função dessa totalidade é que gostaríamos de refletir sobre alguns aspectos que envolvem a aprendizagem e as diferenças individuais, de acordo com a postura do educador e as implicações existentes nas concepções de ensino e aprendizagem, fazendo com que haja dificuldades nesse processo de aprendizagem. Refletir acerca das mudanças ocorridas no sistema de ensino no Brasil, nas últimas quatro décadas, que interferiram no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, levando os alunos a não possuírem condições de dar continuidade em seus estudos, relacionando a ampliação do sistema de ensino como uma conquista e a perda de qualidade de aprendizagem como um aspecto negativo, que deve o quanto antes ser repensado e revisto.

### **Crianças e Adolescentes: o acesso à leitura e a escrita no Brasil**

A aprendizagem da leitura e da escrita é um processo fundamental para o desenvolvimento integral do indivíduo, que percebe a cada momento a evolução do próprio contexto social. O mundo esta as voltas com a alta tecnologia que invadiu as fábricas, os campos e a vida diária, todos estamos sendo afetados, e os paradigmas de outrora, já não cabem mais nesta era. O conhecimento não sendo fim em si mesmo, necessita da dinâmica das transformações para expandir-se. O conhecimento que permanece estático, "imune" as mudanças nega-se, haja vista, que não acrescenta, não constrói, tampouco provoca ou incita.

A população que ingressa no sistema educacional, possui grande dificuldade em acompanhar o processo de ensino, principalmente nas séries iniciais; pois a preocupação em atender à crescente demanda que acompanhou o processo de urbanização do país deixou de lado a qualidade do ensino fundamental. Diante de índices tão alarmantes e tão persistentes, cresce uma discussão multidisciplinar, em busca de respostas e alternativas possíveis que resolvam o problema. Alternativas de respostas a essa problemática, são questões de pesquisa sociológica, psicológica, pedagógica, lingüística e de áreas integradas do conhecimento, como a psicopedagogia, a neuropsicologia, a neurolingüística e a sociolingüística.

Sem dúvida, a abordagem dos problemas de evasão e repetência no Brasil não pode passar sem um exame atento dos mecanismos de seletividade social que atuam dentro da escola e do papel que esta desempenha na reprodução da estrutura social. Isso porque a ampliação da oferta da escolarização, por si só, não garante uma igualdade de oportunidades, uma vez que a escola pública não tem se revelado competente, para ensinar as crianças, sociais e culturalmente desprivilegiadas.

Na verdade, estão certos Carraher e Schliemann (1983)<sup>1</sup> quando argumentam que, se a escola estivesse mais bem preparada para estabelecer pontes entre o conhecimento formal e o conhecimento prático de que a criança já dispõe, se estivesse mais bem capacitada para ensinar e avaliar esta criança e se conhecesse melhor seus

---

<sup>1</sup> Carraher, F & Schliemann - "Na vida dez; na escola zero: os contextos culturais da aprendizagem da matemática", Cadernos de Pesquisa, nº 42, São Paulo - 1982.

processos de desenvolvimento, os resultados seriam mais positivos. As falhas metodológicas que se verificam na escola se relacionam em parte, com expectativas inadequadas. O sistema escolar, da forma como está organizado, espera um aluno ideal, existente apenas, e de forma abstrata, na mente de professores mal preparados para lidar com a realidade. Nessa sua idealização, o professor espera um aluno atento, interessado, responsável e sequioso por aprender a ler.

Muito diferente é a criança real que chega à escola pública da periferia, essa representante legítima de uma grande parcela da população, é filha de operários que, na melhor das hipóteses, têm o ensino fundamental completo. Dispõe de poucos materiais de escrita em sua casa; seus pais não têm tempo e disposição para ler ou contar histórias, as quais poderiam abrir-lhes as portas para o mundo abstrato da linguagem. Além de a escrita ter, pouco significado, em sua vida pessoal e social essa criança nem sempre freqüentou a pré-escola, desconhece o que seja uma sala de aula ou o convívio organizado com outras crianças, teve poucos contatos significativos com lápis, papel, tintas e lápis de cor. Chega também, à escola pública, uma outra criança, tão real quanto a anterior. É aquela cujos pais são analfabetos, subempregados ou desempregados. É uma criança que se alimenta mal, vive num cortiço, abandonada à sua própria sorte, e chega à escola por acaso ou para comer a merenda. Em condições de vida sub-humana, o conhecimento não tem qualquer valor.

É óbvio que experiências vitais tão diferentes irão refletir distintas características e ritmos de desenvolvimento. Dessa forma, foge a critérios científicos, e até mesmo ao bom senso, esperar que crianças com tais diferenças possam reagir de forma semelhante e adequadamente aos mesmos conteúdos e estratégias de ensino. O que se pode observar é que a estratégia de alfabetização proposta pela escola pública resulta em contundente fracasso para as crianças desfavorecidas, justamente aquelas para as quais a escola representa a única possibilidade de adquirir conhecimentos e habilidades de valor social.

É possível afirmar, com relativa segurança, que apesar das diferenças, a grande maioria das crianças é, potencialmente, capaz de aprender a ler e a escrever. A aquisição da fala, numa criança, indica que estão em franco desenvolvimento os seus processos de representação, responsáveis pela organização de sua vida emocional e mental. Nas palavras de Cagliari (1985)<sup>2</sup> “a linguagem é toda ela abstrata, montada em cima de conceituações e generalizações”.

Então, se as crianças são potencialmente capazes de aprender a ler e a escrever e os casos de perturbações específicas são tão raros, como explicar o fato de que, para tantas crianças, seja tão difícil realizar essa aprendizagem?

As causas são várias, entretanto a mais significativa delas é a má formação do professor, que, responsável direto pelo processo ensino-aprendizagem, atua como um agente dificultador do mesmo, pois desconhece os desdobramentos do ensinar-aprender. A formação dos professores da rede pública é inadequada, principalmente no que tange à alfabetização. Assim não é difícil concluir o porque da dificuldade da aprendizagem da leitura e da escrita, e dos resultados negativos na última década, apesar de todas as modificações feitas pelo sistema de ensino.

A compreensão da natureza da escrita, de suas funções e usos é indispensável ao processo de alfabetização, mas o que se vê comumente, nas salas de aula e nos livros didáticos, é um total desconhecimento do assunto. O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o

---

<sup>2</sup> Cagliari, L.C. - “O príncipe que virou sapo”, Cadernos de Pesquisa, nº 55, S.Paulo - 1985

processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade lingüística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condição terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

É importante destacar que enfrentamos a complexa questão da relação entre propostas teóricas, e prática pedagógica, tão relevante na área da educação. Essa área, interdisciplinar e aplicada, constrói-se no plano da prática e alimenta-se de formulações teóricas originárias de várias disciplinas. No entanto o pesquisador deve buscar a consistência interna de suas formulações, investindo em seu poder explicativo e não em seu potencial de geração de propostas de ação. A tensão entre teoria e prática é uma constante na área da educação, e é no âmbito dessa tensão que o presente projeto se movimenta.

“O Brasil tem sido, há décadas campeão de desperdício de recursos materiais e humanos na área de educação”, as cifras falam por si mesmas: mais de 55% das crianças matriculadas na 1º série não concluem o ciclo fundamental. Das que terminam, apenas 3% o faz nos oito anos regulamentares. A grande maioria repete o ano uma ou mais vezes; na 1º série o índice de repetência chega a 52%, na média nacional<sup>3</sup>.

Um item em particular parece ser consensual nos diagnósticos sobre a crise da educação fundamental no Brasil: “o baixo nível de capacitação de quem deveria ensinar”. O maior problema de educação no Brasil não é a falta de escolas nem de dinheiro, “mas a falta de preparo dos professores”, a falta de qualificação começa na formação de 1.300.000 professores do ensino básico<sup>4</sup>.

Também consideram problemática a habilidade para adequar o programa à realidade vivida por suas crianças e os avanços do conhecimento, e o talento para dominar a classe. Apesar de 69% dos professores afirmarem ter lido alguma revista de educação, essa tendência é fraca: 14% deles não leram nada nos últimos três anos e 52% contentaram-se com alguns textos e artigos. Apenas 18% afirmaram ter lido livros regularmente. Muitos dos que leram pelo menos algum texto não souberam citá-lo, nem dar o título.

Com um curso de formação deficiente, e quase sem leitura é o caso de perguntar: qual é seu real desempenho em sala de aula?.

O peso da desvalorização social dos professores do ensino fundamental parece ser mais freqüente nas comunidades mais industrializadas e com nível sócio-econômico mais alto. A pesquisa relata que, para o magistério, o mais gratificante é as atividades na sala de aula e as boas relações afetivas com o trabalho<sup>5</sup>.

Descobriu-se que os alunos mais pobres são atendidos por professores de situação social nada privilegiada. Isso é confirmado quando se verifica que a proporção de profissionais que fez especialização nos últimos anos é maior entre quem trabalha em escolas com clientela de nível médio.

O professor é hoje resultado da gestão dos governos na educação nos anos 70/80, da política educacional que o formou, e de sua situação funcional e salarial. Contudo a educação deve mudar se não quisermos eternizar o fracasso.

---

<sup>3</sup> Revista Exame - Julho 1996

<sup>4</sup> Revista SIEESP , nº 38 - Agosto 1996 - Guimarães, Bereneci Santos

<sup>5</sup> O Estado de São Paulo - Setembro 1997

Diante das observações feitas até aqui, tendo como base o ensino fundamental e a qualidade desse ensino, assim como a formação dos seus professores, faço um outro recorte para a questão da alfabetização que se caracteriza como o início da escolaridade sendo portanto: o ponto de partida para o desenvolvimento e a compreensão do conhecimento desenvolvido pela escola.

### **Dados Estatísticos**

Há mais de 40 anos, em nosso país, a evasão entre a 1ª e 2ª séries atinge uma taxa próxima dos cinquenta por cento. Dados do (IBGE/INEP) demonstram os seguintes índices de reprovação ao final da 1ª série do Ensino Fundamental: 1956=56,6%, 1987=51%, 1988=52%, 1989=49%, 1990=48%, 1991=48%, 1992= 48%, 1993=49%, 1994=46%, 1995=46%, 1997=35% e 1998=31%. Nos dois últimos anos algumas secretarias de educação passaram a adotar o sistema de ciclos, previsto na nova Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Nacional, o que já demonstra um índice menor de alunos retidos. A proposta de ciclos representava (e continua representando) uma possibilidade concreta de superar a injustiça do “tudo ou nada” encarnada no sistema seriado e, de certa forma, a organização da escolaridade em ciclos é também uma forma indireta de combater a evasão: como sabemos, a retenção é a grande vila da evasão escolar, porque atesta institucionalmente um fracasso que seria do aluno.

Hoje no sistema educacional do Estado de São Paulo temos no ensino fundamental dois ciclos: o primeiro que vai da 1ª série à 4ª série, e como conseqüência, temos um contingente de alunos que chegam à 4ª série sem conhecer a linguagem escrita, ou seja, não compreendem o que significa a leitura e a escrita.

A compreensão da natureza da escrita, de suas funções e usos é indispensável ao processo de alfabetização, mas o que se vê comumente, nas salas de aula e nos livros didáticos, é um total desconhecimento do assunto. O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e, quanto mais conhecimento possuir o professor de como se dá o processo de aquisição do conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, da evolução do seu processo de integração social, da natureza da realidade lingüística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condição terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem.

No entanto, o mais recente relatório do INPE (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) sobre a situação da educação no Brasil até 2001 mostra que 41% dos alunos conseguem terminar o ensino fundamental (de 1ª a 8ª série). O estudo diz também que 39% dos que estavam nessa fase tinham idade superior à correta. Os dados apontam que 21,7% dos estudantes do ensino fundamental repetiram de série no ano 2000. Os alunos que conseguem chegar ao ensino médio, o fazem em média em 10,2 anos, dos que atingem essa fase, 26% não terminam. A distorção entre a série e a idade, apontada por educadores como um dos principais problemas, sobe nesse estágio: 53,3% estão fora da faixa adequada. Os problemas apontados são a baixa qualidade da escola pública e professores, que são mal pagos, e os custos das famílias para manter os alunos.

Com esses dados o INEP (2001) demonstra o escandaloso funil que o sistema reproduz à imagem e semelhança das distorções sociais que foram sendo agravadas nos últimos anos; em 2001 35,7 milhões de jovens ingressaram no ensino fundamental em todo o país e desse total, só 8,4 milhões chegou ao ensino médio, o que significou uma “evasão” de 77% e somente 2,7 milhões chegaram ao ensino superior; número

que indica uma evasão de quase 68%. Outro dado interessante levantado pelo estudo é que 37% dos brasileiros não lêem nada no trabalho e 41% deles não escrevem, nada. A definição sobre o que é analfabetismo vem sofrendo revisões significativas ao longo das décadas. Em 1958, a UNESCO definia como alfabetizado uma pessoa capaz de ler e escrever um bilhete simples. Vinte anos depois a UNESCO adotou o conceito de analfabetismo funcional. É considerada alfabetizada funcional toda pessoa capaz de utilizar a leitura e a escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e usar suas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

Estudar a relação de aprendizagem da leitura e da escrita em alunos do ensino fundamental, é uma contribuição importante para aqueles que se envolvem com a práxis educativa, levantando assim indicadores úteis na dinâmica dessas relações e possibilidade de mudanças nesta problemática.

### **Objetivos da Pesquisa**

“Verificar as variáveis que interferem no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, em alunos da 4ª série do ensino fundamental”. Coletar dados que descrevam o nível de aprendizagem da leitura e da escrita no qual se encontra o aluno; levantar os aspectos desenvolvidos no processo de aprendizagem da leitura e da escrita como: o cognitivo o afetivo e o social; verificar a metodologia utilizada no processo de aprendizagem da escrita; verificar como é atendido o aluno em função da sua dificuldade em ler e escrever, em sala de aula; desenvolver habilidades para manter um relacionamento eficaz na aprendizagem, em especial a mediação no processo de alfabetização.

### **Universo e Amostra da Pesquisa**

O universo desta pesquisa: são os alunos que estão cursando o quarto ano do ensino fundamental, e que se apresentam na base alfabética da linguagem escrita, que estejam em idade compatível ou não com a série freqüentada, no ano de 2002, no qual foi desenvolvida essa pesquisa. A amostra foi selecionada de acordo com as características do tema em questão e analisadas em dois momentos: no primeiro foram feitas a sondagem, e análise da escrita do aluno, no segundo uma análise envolvendo os seguintes dados: histórico do aluno; queixa dos pais; queixa dos professores e queixa do aluno.

Foi feito um levantamento do número de alunos matriculados nas primeiras séries e nas 4ª series do município de Osasco. No segundo momento foi feito um levantamento do número de alunos nas quartas series em duas escolas da região, e foram selecionadas as amostras dos alunos com dificuldades na linguagem escrita. No terceiro momento foram entrevistadas duas professoras que eram responsáveis por classes de aceleração, onde estão, os alunos desta pesquisa.

### **Desenvolvimento da Pesquisa**

Levantamento de dados na Secretaria da Educação do Município de Osasco. Alunos matriculados na 1ª série do ensino fundamental de Osasco no ano de 2001: 188 classes com 6.835 alunos, e 171 classes de 4ª série com 6.428 alunos. Encontramos uma evasão de 5,95% de alunos. Levantamento de alunos nas 4ª séries com dificuldades na aprendizagem da linguagem escrita. Alunos das 4ª séries na escola que será denominada A – com seguintes resultados:

4ª.série	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
t Alunos/total	31	31	30	33	36	36	35	30	29	25

Total de alunos de 4ª séries: 316. Alunos defasados na série e na idade e que não conhecem a linguagem escrita correspondem a 17% (54 alunos). As classes I e J, são classes de aceleração, formadas por alunos defasados na leitura e na escrita. Foram sorteados 20 alunos (amostragem aleatória), destas duas classes, para sondagem e análise da escrita.

A segunda escola que será denominada B possui sete classes de 4ª série com os seguintes dados:

	A	B	C	D	E	F	G	Total
Alunos	34	33	31	29	30	31	32	210
Alunos Defasados	03	0	05	07	08	09	16	48

Total de alunos na 4ª série 210. Alunos defasados na série e na idade e que não conhecem, a linguagem escrita correspondem a 22,90% (48 alunos). Foram sorteados 18 alunos (amostragem aleatória), das classes, para sondagem e análise da escrita.

### Análise e Discussão dos Dados

Foram feitas trinta (38) sondagens de escritas e análise das mesmas. A sondagem é um dos recursos de que se dispõe para conhecer as hipóteses que os alunos ainda não-alfabetizados têm sobre a escrita. Esta pode ser feita através de uma relação de palavras acompanhadas ou não de frases, uma produção espontânea de texto ou qualquer outra atividade de escrita, desde que seja acompanhada de uma leitura imediata do aluno. Por meio da sondagem podemos perceber se o aluno faz ou não relação entre a fala e escrita e, se faz, qual o tipo de relação. Trata-se de uma avaliação diagnóstica do processo de aprendizagem do sistema alfabético, que não é estática: é o retrato do momento em que foi realizada e pode mudar, inclusive, de um dia para o outro.

A relação de palavras deve iniciar com uma polissílaba e acabar com uma monossílaba. Não deve haver repetição de letras nas palavras, cada palavra escrita deve ser acompanhada da leitura do aluno. Nos 38 alunos encontramos: 12 escritas pré-silábicas, 5 silábicas, 19 silábica-alfabéticas e 2 alfabéticas.

A seguir apresentamos uma amostra das sondagens realizadas com os alunos sorteados e a análise das mesmas.

**Aluno: G.** – 12 anos – 4ª série.

I A U I O → brigadeiro  
 | | | | |

E A R E → refrigerante  
 | | | |

B I A E O → beijinho  
 —————→

O I E A → coxinha  
 | | —→



## **Estudo de Caso: com queixas dos pais, professores, alunos, prontuário escolar e escrita.**

A seguir selecionamos uma amostra da pesquisa, e desenvolvemos uma análise pormenorizada, contendo dados do prontuário, entrevista com: professores, pais, e aluno.

A1- R. -10 anos- Histórico da escola: Ingressou na escola aos 7 anos de idade, porém em meados de 1998, devido à família ter mudado de cidade; não foi reprovado em nenhum ano escolar, porém não domina a leitura e a escrita.

Queixa dos pais: O pai afirmou que solicitou a retenção de seu filho no segundo ano do ensino fundamental, porém, mesmo assim foi aprovado; o garoto se preocupa com as lições que lhes são passadas, porém não lê e não escreve.

Queixa dos professores: o aluno apresenta assiduidade às aulas; é participativo, porém, não consegue assimilar nada sobre os estudos, não lê e não escreve convencionalmente.

Queixa do aluno: O aluno afirma que sabe ler e escrever. Comentário da escrita: de acordo com a produção do aluno, ele se encontra no nível silábico-alfabético. Está em transição entre a hipótese silábica e a alfabética. Segundo Ferreiro (1985), quando a criança finalmente abre mão da escrita silábica, pela descoberta de que a sílaba não pode ser considerada como unidade, mas que ela é, por sua vez, re-analisável em elementos menores, há o ingresso no período final da evolução: a hipótese alfabética. R. já compreende que a escrita representa o som da fala. É uma escrita híbrida, alternando o valor silábico e fonético. Fez a leitura das palavras e frases termo a termo (não-global). É possível decifrar a maioria de sua produção escrita. Ao transcrever a frase R. não faz conversão da palavra, jogador. Primeiro escreve: "RORATO", depois na frase escreve: "ROGADO". Já para a palavra trave, ele mantém a primeira escrita: "TAV". R. ainda não descobriu a relação consoante/vogal. Porém começa a fazer a relação grafema-fonema.

A2-L-11anos.Histórico escolar: Ingressou na escola aos sete anos de idade. Está cursando o quarto ano do ensino fundamental. Até os nove anos de idade, paralelo ao período escolar, ficava em uma instituição onde alguns menores passavam o período com atividade profissionalizante e/ou esportiva.

Queixa dos pais: Segundo o pai, o garoto é bastante esforçado, só fala em escola. Porém já fez de tudo para que ele aprenda e ler e a escrever e infelizmente nada mudou. Acredita que a escola seja responsável pela situação; um dos motivos desta queixa é o número exagerado de faltas da professora responsável pela sala.

Queixa dos professores: É um garoto assíduo às aulas; os pais freqüentam as reuniões e também quando são solicitados; não lê e não escreve, porém, sempre que as atividades de sala são propostas, solicita ajuda da professora e de alguns colegas da sala de aula.

Queixa do aluno: Confessa que não sabe ler e escrever, porém justifica que não necessitará aprender, pois, seu pai não sabe ler, trabalha como pintor e ganha muito dinheiro. Então ele não precisa aprender.Comentário da escrita: ao observar a escrita produzida por este aluno concluímos que se encontra no nível de silábico-alfabético. L compreende que a escrita representa o som da fala. Está iniciando a superação da hipótese silábica. Faz leitura termo a termo das palavras e frases. Ao produzir a frase não fez conversão das palavras já produzidas. Jogador foi escrito primeiro como: "COCATO" e em seguida na transição da frase: "JOTO". A palavra trave primeiro foi escrita: "TAVO" depois, "DTOU", utiliza as mesmas letras usadas na produção da

palavra gol. Faz uma miscelânea de letras de forma de letra cursiva. Rodrigo ora combina vogal e consoante, por exemplo: “DOLOATA” que representa palavra goleada, “TAVA” que representa a palavra trave. Ora combina só vogal, por exemplo: “COCATO”, que representa a palavra, jogador.

### **Entrevista com Professoras**

As professoras das classes de aceleração, assim como aquelas que já haviam atuado, e as que em sua classe possuíam um número significativo de alunos com a temática abordada, foram convidadas a participar de uma entrevista. Duas professoras da escola A, propuseram-se a participar e demonstraram grande interesse em compartilhar suas experiências.

Em sua fala as professoras, demonstram uma grande angústia diante da situação vivenciada, sentem-se muito desamparadas, sem orientação e nem mesmo tiveram uma preparação para atuar diante dessa realidade.

Quando P1 afirma “... eu peguei o caderno dos alunos e percebi que nada tinha naquele caderno... que não era uma coisa para o aluno progredir era para passar o tempo, aqueles alunos estavam totalmente isolados naquela sala de aula...”.

A professora demonstra a importância do conteúdo, mas que este deve ser significativo aos alunos, pois os mesmos, devem ter sentido e motivação, para os alunos. Levando em consideração a perspectiva interacionista, a idéia de mediação está presente e o resultado do desenvolvimento humano é o resultado da atividade do trabalho.

Podemos verificar que as professoras entrevistadas levantam aspectos que são importantes para a aprendizagem em geral, demonstrando que é necessário que o professor conheça seus alunos, saiba qual o conhecimento que esse já possui, já que o aluno traz consigo um conhecimento que deve ser considerado pela escola, para poder desenvolver o que é importante no processo de aprendizagem da linguagem escrita. Percebem também o quanto é importante resgatar a individualidade do aluno, no contexto da sala de aula. Exemplos dessas falas: P1 -... “Porque eles se sentiam rejeitados e partiam para a agressão... quantas vezes coloquei alunos do meu lado que não sabiam...”, P2 -... “É uma responsabilidade muito grande tem que ser levada a sério... a professora tem que ter uma consciência muito grande do que está fazendo que vai para o resto da vida...”.

As professoras com relação ao trabalho desenvolvido apontam questões importantes como o trabalho diferenciado que deve ser feito nessas classes, assim como a necessidade de uma proposta diferenciada de alfabetização. No entanto não conseguem ainda trabalhar com novas propostas, pois, em seu relato demonstram estar voltadas em alguns momentos para o ensino tradicional e em seguida para as questões que desenvolvem a psicogênese da linguagem escrita.

### **Considerações Finais**

Em sociedades letradas como a nossa, a comunicação através da escrita está presente em, praticamente, todas as situações cotidianas: nas placas de ruas e de ônibus, em letreiros, em anúncios, em lojas, nas embalagens dos produtos que utilizam, em folhetos informativos, na televisão, no cinema, nos livros, jornais e revistas.

A criança, especialmente a do meio urbano, não convive com tudo isso sem interagir com a língua escrita: ela observa, pensa, faz perguntas, formula hipóteses, experimenta e tira suas próprias conclusões. Por isso não é possível encarar a aprendizagem da leitura e da escrita como um momento estanque e isolado na vida do sujeito, uma simples, ação sobre o alfabeto, desligada de sua realidade. E a escola não

tem o direito de ignorar ou deter a marcha deste processo, mas, como parte dele, favorecer a formação do leitor.

Participar de situações significativas de leitura, explorando o texto escrito, buscando o seu sentido fazendo antecipações a partir de suas próprias experiências, são aspectos significativos para a aprendizagem da linguagem escrita. Os cuidados excessivos com a ortografia e com a análise da língua, neste momento, limitam os pensamentos e desejos de expressá-lo, tornando a escrita sem vida. Como não são admitidos erros, melhor mesmo é escrever: a bola rola, a bola é amarela, a bola é boa.

É certo que um número inadmissível de alunos vem fracassando, no que deveria ser a função primordial de escola: a formação do leitor. Muitos não chegam sequer a “decifreadores”... Isto ocorre não porque sejam deficientes, inferiores ou menos inteligentes ou porque não se alimentam, mas sim, porque no seu cotidiano, não fazem parte as experiências que possibilitam o sucesso desejado. Como em sua cultura se sobrepõe a tradição oral, a escrita e a leitura não fazem parte de seu mundo com tanta frequência e significação que os levem a se interessarem por elas e reconheçam o seu valor.

O domínio da língua tem estreita relação com a plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso a informação, expressa e defende pontos de vista, compartilha sua visão de mundo e produz conhecimentos. A alfabetização não é o desenvolvimento de capacidades relacionadas à percepção, memorização ou ao treino de um conjunto de habilidades sensório-motoras. É um processo em que as crianças precisam resolver problemas de natureza lógica até chegarem a compreender de que forma a escrita alfabética representa a linguagem, para que possam escrever e ler por si mesmas. Para aprender a ler e a escrever é preciso pensar sobre a escrita, pensar sobre o que ela representa e como representa graficamente a linguagem.

A partir dos estudos de Ferreiro, certificou-se de que os caminhos para “reinventar” a escrita são os mesmos para todas as crianças, independente de classe social. Suas pesquisas deixam claro que o que leva o aprendiz à reconstrução do código lingüístico, não é o cumprimento de uma série de tarefas ou o conhecimento das letras e das sílabas, mas uma compreensão do funcionamento do código.

Vygotsky e seus seguidores analisam a linguagem como um conjunto de símbolos com caráter histórico e social e enfatizaram a importância da informação e da interação lingüística para a construção do conhecimento. Assim, consciente de seu papel no processo da alfabetização, o educador pode realizar um trabalho de ação pedagógica com enfoque no desenvolvimento e construção da linguagem cuja prática pedagógica se apresenta em forma de situações didáticas que favoreçam a análise e a reflexão sobre o sistema alfabético de escrita e a correspondência fonográfica.

A criança percorre, no seu desenvolvimento, dentro do seu ambiente cultural, o mesmo caminho percorrido pela humanidade na organização do conhecimento: o ser humano partiu do pictórico e construiu uma simbologia (alfabeto); de maneira similar, a criança inicia a representação do mundo por meio do gesto ou do desenho e chega ao símbolo e às regras sistemáticas, reconstruindo o código lingüístico utilizado na sua comunidade. A criança descobre muito cedo a função simbólica da escrita e percorre um caminho progressivo até que, por volta dos seis anos ou sete anos, domina uma combinação arbitrária de sinais e significados. Conclui-se então, que a alfabetização é a construção de um objeto conceitual, cuja apropriação exige um processo de longa duração, sendo fruto de abstração, não se trata de seguir regras, trata-se de aprender a ler pensando, estabelecendo e descobrindo relações, organizando um sistema.

O processo de ensino-aprendizagem da alfabetização deve ser organizado de modo que a leitura e a escrita sejam desenvolvidas por intermédio de uma linguagem real, natural, significativa e vivenciada, principalmente para os alunos que fizeram parte desta pesquisa, pois, se tivessem pelo menos alcançado, os níveis alfabéticos, onde já teriam vencidos obstáculos conceituais à compreensão da escrita, realizando sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. O que esses alunos teriam alcançado, não significa a superação de todos os problemas, contudo se esses alunos estão a quatro anos na escola, é necessário que novas propostas e projetos sejam desenvolvidos para que tenhamos a possibilidade de dar oportunidade a essa clientela de aprenderem a linguagem escrita, pois todo cidadão tem esse direito.

### Bibliografia

- Andrade, M. S. - "O prazer da autoria" - Editora Memnon - São Paulo - 2002.
- Azenha, M. G. - "Construtivismo - de Piaget a Emilia Ferreiro - Editora Ática- São Paulo - 2002".
- Azevedo, Cleomar - "A Prática do Professor Alfabetizador - Algumas Considerações" - Dissertação de Mestrado - FEUSP - 1994 - SP.
- \_\_\_\_. "As emoções no processo de alfabetização e a atuação docente". Editora Vetor, SP 2003.
- Barone, L. M. C. - "De ler o desejo ao desejo de ler" - Editora Vozes - Petrópolis, RJ - 1993.
- Braggio, Silvia L. Bigonjal. "Leitura e Alfabetização", Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.
- Bettelheim, Bruno e K. Z "Psicanálise e Alfabetização", Ed. Artes Médicas, Porto Alegre - 1984.
- Bleger, José - "Termos de Psicologia" - São Paulo, Livraria Martins Fontes Ltda - 1980
- Camargo, Denise de. "As emoções no processo de aprendizagem - Tese de Doutorado apresentada a PUC, São Paulo, 1997".
- Cagliari, L.C. - "O príncipe que virou sapo", Cadernos de Pesquisa, nº 55, S.Paulo - 1985.
- Carraher, F & Schlimann - "Na vida dez; na escola zero: os contextos culturais da aprendizagem da matemática", Cadernos de Pesquisa, nº 42, São Paulo - 1982.
- CIAMPA, A.da C. "A estória do Severino e a História da Severina". Brasiliense S. Paulo - 1987.
- Condemarin, M. - Anotações extraídas do curso "A leitura, a escrita e a Escola" - realizado na PUC - SP - Setembro 1987
- Ferreiro, E. & Teberosky A. "Psicogênese da língua escrita" Edt. Art. Medicas P. Alegre 1985.
- \_\_\_\_. "Reflexões sobre alfabetização" - Editora Cortez - São Paulo - 1985.
- \_\_\_\_. "Alfabetização em processo" - Editora Cortez - São Paulo - 1986.
- Galvão, Izabel "Uma Concepção Didática do Desenvolvimento Infantil", Vozes S. Paulo - 1995.
- Grossi, Esther Pillar - "Retomando a Proposta de Alfabetização", S.Paulo, S.E / CEMP - 1986
- Grossi, Esther Pillar - "A Paixão de Aprender" - Edt Vozes, Petrópolis - Rio de Janeiro - 1992.
- INEP-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas-"Anísio Teixeira".MEC/BR-2003/2004
- Heller, Agnes. "Teoria de los Sentimentos", Editorial Fontamara, Barcelona, 1985.
- Kupfer, Maria Cristina - "Relação Professor-Aluno, uma leitura psicanalítica", tese de mestrado apresentado ao IPUSP, São Paulo, 1982.
- Lane, Silvia T. M. Uma Análise Gráfica do Discurso"- Psicologia e Sociedade" - Ano, IV, 7
- \_\_\_\_, Silvia T. M. Linguagem, Pensamento e Representações Sociais "- Psicologia Social: O Homem em Movimento" - Brasiliense, São Paulo, 1984.
- \_\_\_\_, Silvia T. M e... - "Novas Veredas da Psicologia Social " Brasiliense - São Paulo
- Leite, S. A. S. "Alfabetização e letramento". Editora Komedi /Arte Escrita .Campinas, SP - 2001.
- Lener, D. - "Ler e escrever na escola" - Editora Artmed - Porto Alegre - 2002.
- Luria, A. R. - "Pensamento e Linguagem" - Artes Médicas - Porto Alegre - 1986.
- Marpeau, J. - "O processo educativo" - Editora Artmedi - Porto Alegre - 2002.
- Smith, F. - "Compreendendo a leitura" - Editora Artes Medicas - Porto Alegre - 1991.
- Soares, M. "Letramento um tema em três gêneros" - Editora Autêntica- Belo Horizonte - 2001.
- Teberosky, A. & Colomer, T. "Aprender a ler e a escrever" Editora Artmed Porto Alegre - 2003.
- Tfouni, L. V. - "Letramento e alfabetização" - Editora Cortez - São Paulo - 1995.

Vygotsky, L.S - "A Formação Social da Mente" - Martins Fontes - São Paulo - 1984.  
Vygotsky, L.S - "Pensamento e Linguagem" - Martins Fontes - São Paulo – 1993.